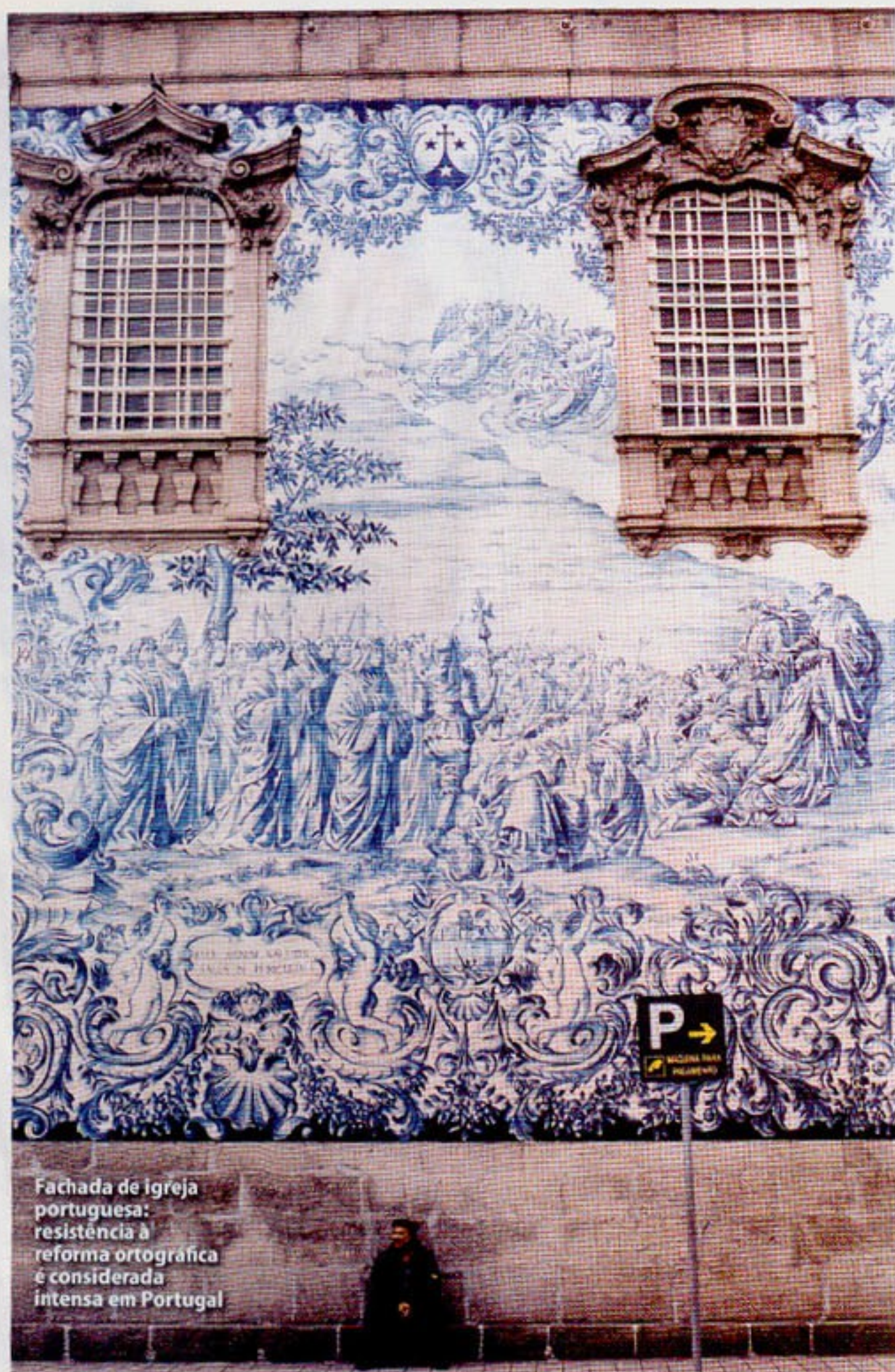


O temor da língua brasileira



Fachada de Igreja portuguesa: resistência à reforma ortográfica é considerada intensa em Portugal

PORTUGUESES RECEIAM QUE ACORDO ORTOGRÁFICO SEJA USADO PELO BRASIL PARA CONQUISTAR A ÁFRICA LUSÓFONA

POR PATRISIA CIANCIO
DE BRAGANÇA, PORTUGAL

Quem pedia a informação a estudantes portugueses era o professor, gramático e filólogo Evanildo Bechara.

— No caminho, perguntei a três estudantes onde era a entrada do colóquio de lusofonia. E eles me responderam: “O que é lusofonia?”.

Ironia do empirismo. Enquanto a lusofonia repousa no desconhecido, especialistas de Brasil, Portugal, Galiza e África, reunidos em Bragança, complementaram suas visões sobre “a língua portuguesa no século 21 e o papel da variante brasileira — o perigo de se tornar uma língua própria”. O acordo ortográfico foi o alvo das críticas.

Com a moratória de dez anos decretada por Portugal para a entrada em vigor do acordo, ratificado por Brasil, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, fica clara a política do país de Saramago em torno da língua. E assim, no mar português, pode naufragar novamente mais uma tentativa de materializar o documento, apesar da declaração, em novembro, do ministro

PROJETOS INCLUEM NOVOS DICIONÁRIOS

Os representantes das academias de Portugal e Brasil anunciaram em Bragança, Portugal, os projetos das instituições para 2008. A Academia de Ciências de Lisboa prepara para os próximos meses o lançamento de um *Dicionário Fonético e Ortográfico* com 150 mil entradas lexicais. O da Academia Brasileira de Letras (ABL) tem 400 mil entradas e a entidade produz mais três obras: os dicionários *Escolar*, *Medieval* e *do Século XVI*.

português das Relações Exteriores, Luís Amado, que garantiu a ratificação até o fim do ano. Deus quer, o homem sonha, Portugal ainda pode embargar.

— O acordo está num mar profundo e de vez em quando vem à bóia. Não há vontade política por parte de Portugal e agora estão todos preocupados se o Brasil vai adotá-lo. Receio que alguns portugueses pensem que o Brasil vai conquistar a África com a língua portuguesa. Este acordo é quase como a Guerra dos Cem Anos —, afirmou o lingüista João Malaca Casteleiro, da Academia de Ciências de Lisboa.

Sintaxe conservadora

Casteleiro participou, ao lado de Bechara, do VI Colóquio Internacional da Lusofonia, ocorrido em Portugal, em setembro. Se Monteiro Lobato levasse ao colóquio sua proposta para uma língua independente chamada “brasilina”, certamente seria contrariado. Oralidades e léxicos à parte, os estudos e discussões do

evento apontaram que a língua é uma só, e o Brasil mantém o cultivo da tradição portuguesa na escrita, um conservadorismo na sintaxe. Se ninguém levantou a bandeira da separação do idioma, houve muito questionamento quanto à liberdade de ensino do português. Bechara explicou que a língua é uma e a literatura brasileira é nacional, confirmando o espírito libertador da escrita literária.

— Não estou dizendo que o acordo ortográfico seja ideal, mas a unificação é uma abertura de portas, um passo para a permanência da língua portuguesa no mundo. Na realidade, o acordo não faz com que a pessoa pronuncie corretamente as palavras, mas facilita o ensino, tendo um efeito didático e pedagógico. E o Brasil não tomou consciência de sua importância nesse destino — disse Bechara.

A norma tripartida abriga as variantes portuguesa, brasileira e galega. Muito pouco foi debatido sobre a norma africana e de seu mosaico cultural. No Brasil, a conservação de um sistema

vocálico átono torna o português mais compreensível (enquanto o português europeu fortalece a consoante e obscurece as vogais átonas).

Considerada mais dinâmica, e ainda aliada às novas tecnologias de informação, a proposta de uma variante autônoma brasileira volta à cena nos debates portugueses em razão da discussão em torno da reforma ortográfica. Mas, para Bechara, “não há razão para temer um fracionamento na hipótese prevista no mergulho da futurologia para o século 21”, criticou, completando que o falante deve ser poliglota em sua própria língua.

China

Portugal amava a língua portuguesa, que amava o Brasil, que amava a África de língua portuguesa, que amava Timor Leste. Macau, que não tinha entrado na história, tem despertado para o potencial estratégico do idioma. Segundo Casteleiro, há na China cinco universidades que ensinam português. Este ano, 600 alunos concorreram para licenciatura em língua portuguesa em Macau, mas somente 60 ingressaram. Muito se fala dos países de língua portuguesa, e não

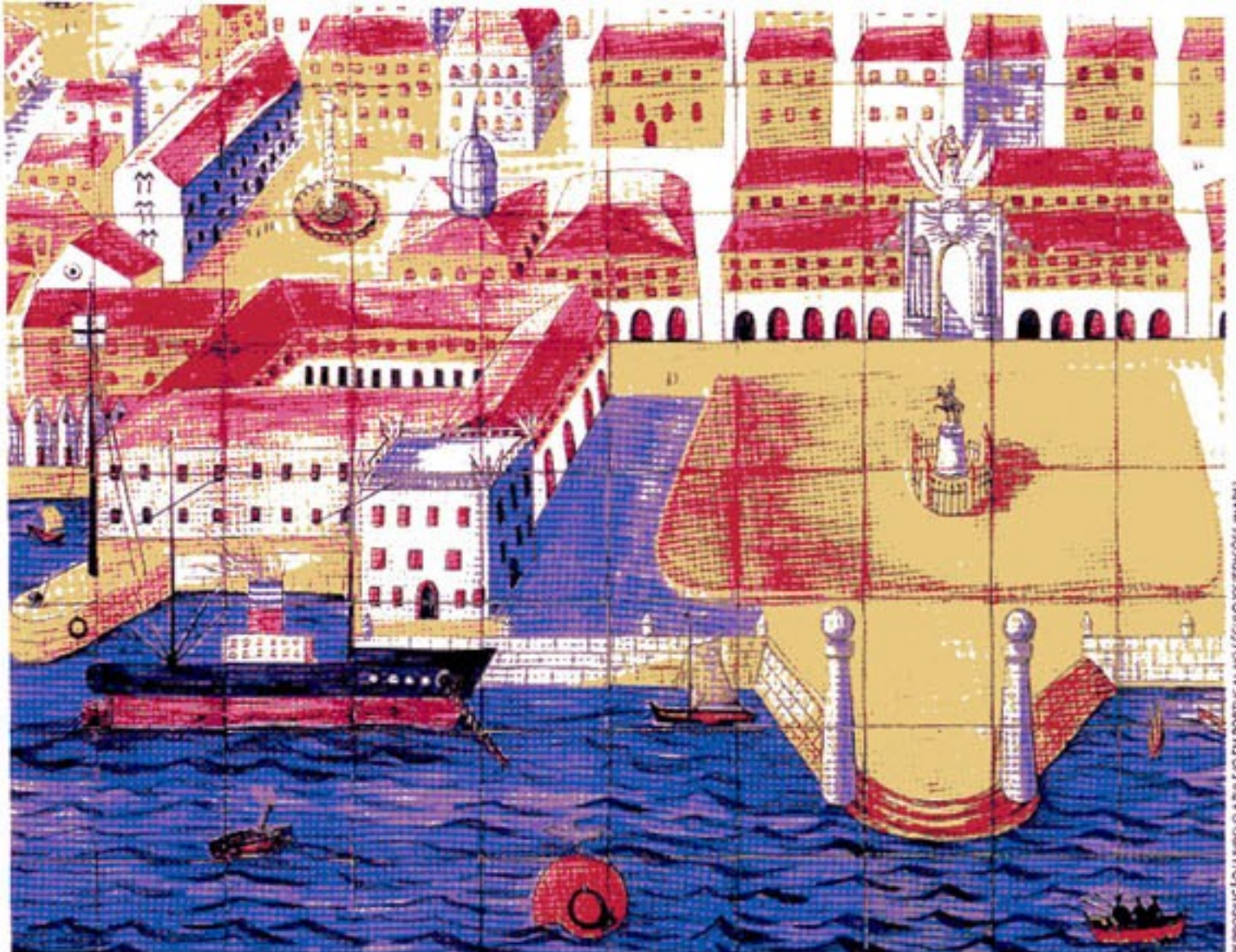
Bechara, da ABL, presente no Colóquio Internacional de Lusofonia: constatação do temor português



dos povos e de suas realidades, levando em consideração o aspecto regional da lusofonia, justamente sua maior riqueza e chance de funcionalidade.

– A língua portuguesa tem sido procurada pelo lado oriental com chineses, filipinos, tailandeses, indonésios. A China tem desenvolvido negócios nos países lusófonos. Investir na língua a fundo perdido também é investir na economia. Se Portugal não quer, que seja o Brasil. Se não fosse o Brasil, a língua portuguesa não teria a projeção que tem no mundo. Não deveríamos ficar contentes de ter um grande dos nossos? Claro que sim. Mas certos políticos portugueses têm medo do Brasil, se calhar para eles seremos colonizados – analisou Casteleiro.

A realidade cultural do Brasil foi levada ao colóquio por meio de temáticas próprias. Foram debatidas a variante



rural, as problemáticas do ensino e a necessidade de uma formação de professores que valorize o falar do meio social do aluno para que ele se reconheça durante o aprendizado da norma culta. Essa mobilização em prol da língua e

identidade deu o tom para o evento para 2008: “O ensino da língua portuguesa em ambientes multiculturais”. ♦

Patrisia Ciancio é jornalista. Material produzido com apoio do Programa Alban, Programa de Bolsa de Alto Nível da União Europeia para América Latina

CIDADANIA LUSÓFONA | MOVIMENTO PORTUGUÊS QUIS UNIFICAÇÃO DA COMUNIDADE DE POVOS DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS MOLDES DA REALIZADA NA UNIÃO EUROPEIA

O lingüista João Malaca Casteleiro (*foto*), da Academia de Ciências de Lisboa, lembra a iniciativa da Cidadania Lusófona, movimento português que busca viabilizar a criação de uma comunidade dos povos de língua portuguesa.

Consta no *Dicionário Temático da Lusofonia*, Texto Editores (2006), que a Cidadania Lusófona seria semelhante à europeia.

Diz o texto que “serão cidadãos lusófonos todos os indivíduos que tenham a cidadania de primeiro grau de qualquer um dos oito Estados da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A CL pode reforçar a mobilidade dos indivíduos nesse espaço. No entanto, não existe ainda um estatuto jurídico do cidadão lusófono de alcance multilateral. O que existe são trabalhos preparatórios, negociações diplomáticas, mas, sobretudo, concretizações parcelares desta idéia: a cidadania luso-brasileira, o estatuto de cidadão lusófono, um conjunto de cinco acordos internacionais em matéria de vistos de entrada e controles fronteiriços, todos assinados em Brasília em 2002 para facilitar a mobilidade no âmbito da CPLP”.

Uma política do idioma teria ainda como base a resolução do impasse ortográfico, o intercâmbio de professores, o compartilhamento do mercado editorial, o respeito aos aspectos culturais e à diversidade (línguas autóctones), e o fomento a bolsas de estudo.

